

María del Carmen Ramos*

O humor no divã

O humor tem lugar dentro da situação analítica? Pode ser considerado um recurso terapêutico? A busca de *insight* – a bússola de nossa tarefa – nutre-se do humor?

No humor, o desejo se rebela da culpa, eludindo a censura. Quando o humor aparece na análise é porque se produziu uma mobilização emocional, algumas resistências têm que ter cedido, emergindo a possibilidade do *insight*.

Poderíamos inferir que, se há um senso de humor de forma associativa, é porque diminuiu a ansiedade paranoide e as ansiedades confusio-nais, e se pôde dar maior capacidade de tolerância à frustração frente ao desejo ou à necessidade narcisista. Todos sabemos que a ansiedade paranoide é o afeto menos sensível ao humor, assim como este tampouco se dá bem com a neurose obsessiva e menos ainda com a paranoide.

O senso de humor pode se manifestar em qualquer momento da análise, seja através da sagacidade, da ironia, do humor negro ou da zombaria. Gabrieli Pascuali (1987) pensa que quando, no curso de uma análise, aparecem comentários humorados, fica evidente que existe um maior grau de consciência ou de vontade de enfrentar as dificuldades.

A presença do humor no *setting* nos indica uma mudança importante na economia emocional; costuma aparecer de forma ambígua, como destaca Yampey (1982), devido à mistura de afetos e aos múltiplos matizes da situação relacional.

Considero que o humor nutre e favorece o verdadeiro *insight* porque nos reconcilia com nossos aspectos dissociados ou reprimidos e nos possibilita certa tolerância afetiva frente à frustração e à dor. É por isso que a busca de integração, que é uma meta terapêutica, teria que considerar como uma de suas conquistas desenvolver um senso de humor.

A primeira vinheta ocorre em sessão com um paciente homem, jovem, tentando, através de uma interpretação de transferência, que se dê conta da intensa raiva de seu pai que projeta em mim. Responde-me furioso: “Traduza, fale em humano”. Risonha, lhe respondo imediatamente: “Poderei?”.

O paciente fica alguns segundos em silêncio, e acrescenta, em um tom mais calmo, até cordial: “Tente, capaz que consiga”. Ambos rimos, e mais adiante, nessa mesma sessão, graças a esse momento de humor compartilhado, é possível o *insight*: reconhece que sua raiva se deve ao temor de não ser capaz de realizar seus desejos, enfrentar a autoridade ou satisfazer as expectativas que acredita que os outros têm em relação a ele.

O segundo exemplo é mais propriamente uma interpretação humorística que consigo sintetizar em uma só palavra: “Poderei?”.

A projeção de fundo pode emergir como *insight* graças a este momento de humor compartilhado. Enquanto figura de autoridade, o analista representa os objetos internos perse-

paciente, do humor do paciente e do analista, não só individualmente, mas como dupla analítica. Com certeza será mais frequente em uma dupla analítica com bom humor que em outra dupla que seja menos bem-humorada.

Este espaço de humor, que só o par analítico cria e vive, teria uma configuração similar à que propõe M. e W. Baranger (1961) quando se referem à fantasia inconsciente do campo bipessoal constituído pelo analista e pelo analisado. Para eles essa fantasia é criada pelo par e é substancialmente diferente do que cada um possa criar separadamente.

Dentro desse espaço de humor criado pela dupla analítica, ocorreriam as associações humorísticas e as interpretações humorísticas. Nesse sentido, se associaria com humor e se interpretaria com humor. Como sustenta S. Barrios³, a psicanálise não é só um trabalho de busca arqueológica, mas sim, a dupla analítica está unida em uma relação criativa.

Então, qualquer interpretação deve ter um *timing* e um conteúdo que esteja em linha com as associações do paciente. Para ilustrar o anterior, mencionarei uma vinheta clínica. O momento do processo estava caracterizado por uma transferência negativa do paciente, que se evidenciava nas associações, e esta sessão em particular a iniciou com o relato do sonho “Freud em Barraquilla”⁴:

Paciente: Freud está em Barraquilla e vai caminhando pela via 40, em pleno sol do meio-dia. Está vestido de tecido grosso, usa colete, cartola e paletó. [A narração do sonho foi feita de forma risonha e *mamagallista*⁵].

Analista: A próxima vez me disfarçarás de Marimonda⁶.

Isso gerou uma gargalhada no paciente e um *insight* ao redor do sentido do sonho, o qual, de conteúdo irônico, demonstra desejo

de vingança, ridicularizando o analista. Por outra parte, a intervenção jovial do analista gerou esclarecimento e pôs a descoberto o sentido inconsciente e brincalhão do conteúdo latente do sonho.

O analista poderia ter feito uma intervenção de forma tradicional e interpretar que Freud representava o analista, e ao colocá-lo com essa vestimenta nesse sufocante calor de Barraquilla, buscava zombar dele e ridicularizá-lo. Em vez disso, aludiu à Marimonda como personagem popular, conseguindo o efeito liberador. Humor com humor se paga.

Tanto o relato do sonho, como a interpretação geraram um ambiente de humor na sessão que facilitou a produção de novas associações, colocando em evidência a transferência negativa presente nas últimas sessões.

Acredito finalmente, que o humor na análise não só é parte do processo analítico, mas que, bem utilizado em termos de *timing*, conteúdo e pertinência, converte-se em uma ferramenta poderosa em nossa prática psicanalítica.

Referências

Baranger, W. e Baranger, M. (1961). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4(1), 3-54.

Freud, S. (1973a). El chiste y su relación con el inconsciente. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1973b). El humor. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1927).

Gutiérrez, E. e Cunin, E. (2006). *Fiestas y carnavales en Colombia: La puesta en escena de las identidades*. Medellín: La Carreta.

3. Comunicação pessoal, 2019.

4. Barraquilla é um porto sobre o Caribe colombiano, cuja temperatura média é de 30°C e é famoso por seu Carnaval, reconhecido pela Unesco como patrimônio oral e intangível da humanidade (Gutiérrez e Cunin, 2006).

5. Colombianismo que significa “zombar de alguém, fala zombando”.

6. Personagem do Carnaval de Barraquilla que representa o tipo cômico e brincalhão.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

Carlos Brück*

Saber fazer/fazer saber

O humor impõe um lugar ao castelo do significante. Necessariamente, estas linhas começam com essa imagem porque, a seu modo, o humor tem a qualidade de enfrentar um processo subjetivo que os analistas chamamos a infelicidade da vida cotidiana. Uma situação que não se alivia com o voluntarismo de convencer a um sujeito aferrado a seu padecimento. Essa infelicidade que lhe permitiu circular com a bengala da queixa como se fosse seu cartão de visita.

Ao contrário, o humor é uma permanente falta de respeito a esse cartão de papel rígido e letras sombrias que se supõe, faz parte das melhores vestimentas com que, em certas ocasiões, a neurose circula nas sessões. Se esse cartão é um hábito que está relacionado com a solenidade, ao contrário o humor não tem nenhuma relação com a frivolidade ou a falta de consideração pelos afetos do analisante.

Nesse sentido, o humor é exemplar, é um modo de intervenção, nunca um modo de vida do psicanalista em seu consultório. Corresponde-lhe, em direção à cura, a clareza de não permitir tornar ainda mais consistente aquilo que poderia ter mais leveza ou alívio.

Também, neste sentido, o humor é uma intervenção de corte sobre o apego a um significado, à maneira que Cyrano de Bergerac andava pelo mundo, entristecido por sua aparência, ou ao que, muitos anos antes, Quevedo descreveu impecavelmente de forma gráfica

como um homem pegado a um nariz. O humor propõe então o corte dessa sutura, desse apego do sujeito a uma particular maneira de gozar.

Em uma ocasião em que um analisante não deixava de recorrer às vicissitudes de seu passado (no que Lacan chamaria talvez de bodas taciturnas), meu único comentário foi: “Pareceria que você se entretém passeando pelo panteão familiar”. Ao desconcerto inicial por não ter levado a sério o que ele propunha, se seguiu uma re-colocação de seu transcorrer, de sua dramática. Esse termo pouco tem a ver, ao contrário, com o drama, um gênero que exclui qualquer outra forma de transitar pela vida.

Pouco depois, ficou claro para mim que minha intervenção tinha uma filiação com aquele relato freudiano destes dois sujeitos, pobres de toda pobreza, que visitam o mausoléu mortuário da família Rothschild. Frente à exibição de tanto mármore, colunas, trombetas com o melhor bronze e inscrições douradas, um diz ao outro: “Isto é vida!”

Minha intervenção nesta sessão não foi original, no mais equívoco sentido da palavra, senão que se sustentou na singularidade, mas, principalmente, na possibilidade e na oportunidade de fazer girar em alguma outra direção o que já estava excessivamente suposto pelo analisante.

E se em minha intervenção estava me encontrando implicitamente com Freud, vamos

cutórios; ao tolerar reconhecer que eu posso não poder, possibilita-se em ambos algo como uma elaboração da angústia primitiva de castração, contorna-se o limite da onipotência/impotência, tolerando-se a ferida narcísica da incompletude e impotência. Não por gosto, o humor nos permite rir de alguma situação na que simultaneamente estamos penosamente aprisionados.

Outro exemplo ocorre quando cumprimento uma paciente e a chamo por outro nome; ela me responde, com ironia: “Nem vou começar se você não sabe quem sou”. Aceitando o lapso e tolerando meu erro lhe respondo: “Bom, mas não é tão ruim porque ainda sei quem sou eu”.

Vemos aqui como é a paciente que recorre ao humor irônico, contendo suas pressões narcisistas e ansiedades confusionais. Neste caso, o vínculo analítico prévio se oferece como um apoio, que me permite aceder a uma intervenção de que ainda não perdi, a noção de mim, deixando entrever nas entrelinhas que também poderia perdê-la e ser um caos total.

A palavra humorística revela o que ainda poderia ser pior: perder-se a noção de si, estar na loucura. Ambas rimos, eludindo uma das angústias essenciais: o temor à loucura, que encobre, por sua vez, o temor à morte. Adicionalmente, aquele momento de humor compartilhado na sessão possibilitou, por sua vez, a emergência do *insight*, associando mais adiante uma profunda rivalidade com uma de suas irmãs, a mais parecida com ela fisicamente: sentia que esta irmã a copiava, roubava suas experiências, interferia em seus vínculos, tentando ser um clone.

O que essas histórias têm em comum? Apesar de estarem descontextualizadas da sessão e da história, em (todas) elas pode se perceber a relação, o vínculo intersubjetivo e como os dois personagens em ação compartilharam uma imagem particular, comum somente a eles nessa situação específica.

A analista empregou seu senso de humor

dirigindo-o para ela mesma: no entanto, teve um efeito imediato nos pacientes porque possibilitou uma transformação das emoções negativas que estavam envolvendo a relação nesse momento, criando-se um espaço comum de apoio. A interpretação humorística permitiu tolerar melhor os efeitos desprazerosos em ambos, sem negá-los, convertendo um momento de tensão e desencontro em uma possibilidade de vínculo e *insight*.

A correta captação empática do analista produz uma íntima e profunda comunicação mútua, nos diz Yampey (1983), por isso as interpretações com humor são decisivamente operantes e mutativas.

Acredito que, quando, por meio do vínculo analítico, pode-se transformar uma relação transferencial de natureza persecutória, é quando pode surgir o humor em seus múltiplos matizes. A capacidade para o brincar e a sublimação se interconectam graças ao humor, que é o brincar do adulto com palavras.

Referências

- Pasquali, G. (1988). Algunas anotaciones sobre el humor en el psicoanálisis. *Libro Anual de Psicoanálisis*, 3, 173-178.
- Yampey, N. (1983). Acerca del humor y el insight. *Revista de Psicoanálisis*, 40 (56), 1173-1181.

* Presidente de la Fundación Proyecto al Sur.